



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10518 - Resumo Expandido - Pôster - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

SOBRE TELEOLOGIA: A TERCEIRA MARGEM DA EDUCAÇÃO

Jefferson Pereira de Almeida - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: IFRS - Campus Farroupilha

SOBRE TELEOLOGIA: A TERCEIRA MARGEM DA EDUCAÇÃO

A presente comunicação é parte integrante de uma pesquisa em andamento cujo objetivo é pensar filosoficamente a possibilidade da educação a partir das elaborações de Friedrich Nietzsche. Do interior desse contexto proponho que indaguemos duas passagens clássicas da filosofia e que pensemos suas recíprocas relações, notadamente marcadas por aproximações e afastamentos, e que possamos realizar a crítica da teleologia e de seu uso na educação. Nesta criação será inevitável replicar a intenção metodológica da tese em construção, em que a leitura de Nietzsche se abre ao encontro de outras experiências contemporâneas. Como veremos a seguir, para a experimentação crítica do conceito será reivindicado o apoio da literatura e de sua força inspiradora. Assim, a comunicação pretende criar algumas notas sugestivas sobre um pensamento que ousa ou renunciar ao *telos* (τέλος) ou relativizá-lo tanto quanto possível, retirando-lhe qualquer pretensão necessária e universal, para afirmar uma educação em sua radical vinculação com a contingência.

É bastante conhecido o fragmento que abre o pequeno ensaio de Immanuel Kant sobre a *Aufklärung* e em que o filósofo define o esclarecimento. Dele, gostaria de extrair alguns apontamentos que julgo relevantes para o destino da apresentação: Kant está definindo um processo; trata-se de uma atividade que nos leva de um lugar ao outro; é um procedimento de saída; é um movimento de libertação, pois conduz o indivíduo a um lugar melhor; logo, é uma ação de aperfeiçoamento moral; poderíamos supor que, sendo exigido o entendimento do indivíduo que se liberta, distante da tutela do outro, a passagem impõe a experiência de si mesmo; o processo é, pois, em suas conformações modernas, uma experiência ética. (KANT, 1985, p. 100).

Recomendo que contrastemos o trecho de Kant com outro igualmente conhecido, de

Friedrich Nietzsche, e que se encontra em *Assim falou Zaratustra*. O filósofo descreve o homem como uma corda amarrada entre o animal e o além-do-homem, identifica-o como uma ponte, uma passagem. (NIETZSCHE, 2011, p. 16). De fato, entre os excertos há pontos de proximidade. Cada qual à sua maneira, em ambos os casos os autores se referem à ideia de processo, de um processo que realiza uma saída e uma destinação. Abandona-se o lugar de heteronomia e se alcança a condição de liberdade. Na prescrição do aperfeiçoamento moral do indivíduo, os filósofos descrevem um caminho de humanização e, neste sentido, suas elaborações interessam à educação, pois traçam imagens dos processos formativos em geral. Se a educação é uma atividade por meio da qual se dá ou se cria a humanidade do humano, em que o ser ou encontra sua natureza ou inventa sua condição de liberdade, então admitimos que as respectivas figuras têm muito a dizer aos educadores de todos os quadrantes e matizes. Finalmente, algo que está contido em ambos e que os colocam em surpreendente afinidade é a concepção de que seus ideais de humanidade estão destinados ao porvir: não é algo dado ou que se encontre no tempo presente, mas é uma aposta do futuro.

O humano de Kant, ponto para o qual se dirige todo esforço educativo, é, para Nietzsche, mera passagem ou ponte e, conseqüentemente, algo que deve ser superado. Se a forma do processo institui zona de intersecção, os conceitos que orientam a destinação humana são outros. A necessidade do *telos* kantiano é substituída pela contingência nietzschiana. O além-do-homem é aquele que cria valores contra qualquer pretensão de fixação da moral. O humano moderno, racional, consciente de si e do mundo, autônomo, o sujeito da filosofia moderna, torna-se transição e declínio.

Na diversidade das imagens que vai construindo, Nietzsche sabe onde pretende chegar: há um futuro distante, um sul que é mais quente (NIETZSCHE, 2011, p. 137). O que permanece em suspenso, objeto de nossa dúvida e ponto de eventual polêmica, é se a imagem criada por Nietzsche, de uma corda estendida entre duas condições, é coerente com o reposicionamento da teleologia, ou flexibilizando-a ou eliminando-a. Com a referência a dois polos, feita a menção ao par antagônico, Nietzsche ainda não permaneceria preso ao esquema clássico da metafísica, a lógica da oposição de valores?

Em Nietzsche, lançar forças contra a teleologia é parte constituinte da luta contra a moralidade. Não há um bem a ser alcançado, não há um ideal que deve ser buscado, nem finalidade transcendente. O contrário disso, a ausência de finalidade, definiria o percurso do imoralista: uma vida aleatória, um vaguear, um mexer-se. Isso é o que estabelece as *naturezas* inventivas: estar em oposição àqueles que atuam conforme fins. Não temos razões para desconfiar do empreendimento crítico de Nietzsche. Aliás, a presente comunicação surge da inspiração do filósofo que em *Gaia ciência* recomenda a necessidade “de uma crítica do conceito de ‘finalidade’” (NIETZSCHE, 2004, p. 262). Todo propósito, toda orientação secreta e racional, é peça de ficção criada para servir interesses específicos.

Apesar da força dessa crítica, contida em toda obra, é importante realizar o exercício de dúvida e pensar sobre a imagem proposta por Zaratustra. Preconizar uma corda estendida

entre duas condições, fixando o ponto de partida e o ponto de chegada, tal qual o trajeto de um equilibrista, e mais, acreditando que a chegada se daria no além-do-homem, tudo isso não indicaria uma reincidência na finalidade? Alguém haveria de solicitar que eu descontasse o tom alegórico de Zaratustra e me diria que existe uma distinção qualitativa importante, que eu mesmo teria insinuado: o *telos* para Nietzsche é uma figura contingente, cuja única propriedade é a criação, sem a qual seria impossível superar o homem. De fato, tal indagação é pertinente e não tenho motivos para discordar dela. Porém, pergunto-me se não teríamos condições de ir além, de tomar *sugestões* para avançar em proposições mais ousadas para educação, ainda que do ponto de vista prático tenhamos dificuldades em operacionalizá-las.

E se a crítica filosófica à teleologia pudesse receber apoio da literatura, não a partir de teorias constituídas, mas de figuras ou imagens esparsas que, criadas aqui ou ali, servissem para provocar o pensamento? Há ocasiões especiais em que a literatura sugere figuras potentes que ofertam as condições para que o pensamento se desloque em direção ao impensável. Em nosso caso, as figuras se impõem para criticar a consistência do conceito. Entre inúmeros exemplos possíveis, eu poderia buscar em Cortázar (2019, p. 26) a referência da travessia como algo que se encontra no esforço de “*sair de para chegar a*”, invocando na ação humana sua evidente destinação. Os processos teleológicos dependem de uma carência, mas nos oferecem a garantia da suficiência desde que façamos o que *deve* ser feito, corrigindo a injustiça da falta pela restauração da unidade. Porém, a reparação da carência ou da falta somente é possível dentro de algumas alternativas dadas, o que revela a limitação da liberdade. Podemos, por conseguinte, compreender as passagens de Kant e Nietzsche como implicadas, em graus distintos, em certa experiência metafísica. É o que nos diz o escritor argentino: a saída de um lugar para outro é “uma ilusão de moralista” (CORTÁZAR, 2019, p. 26). Seja o *telos* identificado como homem ou como além-do-homem, não importa, ainda estaria aqui o exercício do moralista.

Ainda com o apoio da literatura, eu poderia trazer a indagação de Fernando Pessoa (2017). O poeta nos coloca diante da dificuldade de pensar o caminho ou a travessia em conformidade com fins, se estamos a cada momento acossados pela contingência da existência humana. Mesmo que constituamos fins, há desvios de tal monta que ocasionalmente nos afastam definitivamente do desejado ou daquilo que nossa intencionalidade planejou. A falta não é corrigida, a unidade não é restituída, somente os “baixos fins” são alcançados (PESSOA, 2017, p. 164). Mas então precisaríamos prescindir da ideia de educação como travessia? Teríamos que necessariamente desconstruir os movimentos dos filósofos, recusando a saída de Kant e a corda estendida de Nietzsche?

Com a ajuda de Guimarães Rosa (2019a, p. 32) chegaríamos muito próximo de Pessoa: tão preocupado que estamos com a saída e com a chegada, renunciando ao que vivemos no meio, acabamos por aportar em lugar diverso, mais *baixo*. Da sugestão do caminho e do perigo que se encontra na passagem, cruzando Nietzsche com Guimarães Rosa, surge a ideia de pensar a educação como uma travessia que seria tranquila e segura caso nos levasse de um lugar conhecido a outro. O inusitado nesta descrição de Guimarães Rosa é que

a travessia é perigosa justamente porque ela sabe de onde parte, mas jamais sabe para onde conduz. A travessia é uma experiência da potência e, neste sentido, jamais pode oferecer a certeza do ponto de chegada.

Mas a proposta de travessia não institui necessariamente a ideia de margem, certa ou incerta, acima ou abaixo? Se há alguma chance de margem, ela precisa ser criada, como experiência singular e inalienável de cada um que atravessa pela educação e na educação. Ou quem sabe não haveria a renúncia mesma de qualquer margem, de que a travessia seja navegar na errância? Bernardo Soares, no livro *desassossegado*, afirmava que pertencia a uma geração que havia herdado desamparos (PESSOA, 2017, p. 295-296). Há três coisas nessa referência que também podem ser encontradas ao longo da obra nietzschiana: convicção do desamparo, necessidade do navegar e crença de que se navega sem a certeza da destinação. A figura da navegação sem porto é vigorosa e encontra outra forte imagem de Guimarães Rosa (2019b): a terceira margem do rio. No conto de mesmo nome, o narrador descreve a estória de seu pai, que sem motivos aparentes, decide criar uma canoa para com ela entrar no rio e nele ficar, sem paragem e sem ânsia de margem. Navegando, sem intenção ou finalidade, o pai entrega-se ao abandono do remar sem fim. Se a educação sempre dependeu de suas duas margens, o lugar do qual se sai e o lugar para o qual se destina, plena de certezas e de idealizações, vale perguntar se não seria potente pensarmos a terceira margem da educação, se a tal travessia não seria tão somente a navegação sem rumo da qual falava Pessoa. Sei que pensar a partir dessas figuras não nos conduz a novidades. Não imagino que as sugestões da literatura e da filosofia contemporânea sejam apropriadas para serem incluídas no espaço da educação institucionalizada, tão fortemente regrada e burocratizada. Pensar a partir dessas figuras potencializa a atitude micropolítica de um educador que deseja transgredir o instituído no varejo de seu ofício, lá onde justamente são possíveis a criação e a transformação da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Educação. Literatura. Teleologia. Nietzsche.

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. **O jogo da amarelinha**. Tradução de Eric Nepomuceno. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é “Esclarecimento” (*Aufklärung*)? In: _____. **Textos seletos**: edição bilíngüe. Tradução de Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes; introdução de Emmanuel Carneiro Leão. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 100-117.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019a.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. São Paulo: Global, 2019b.